

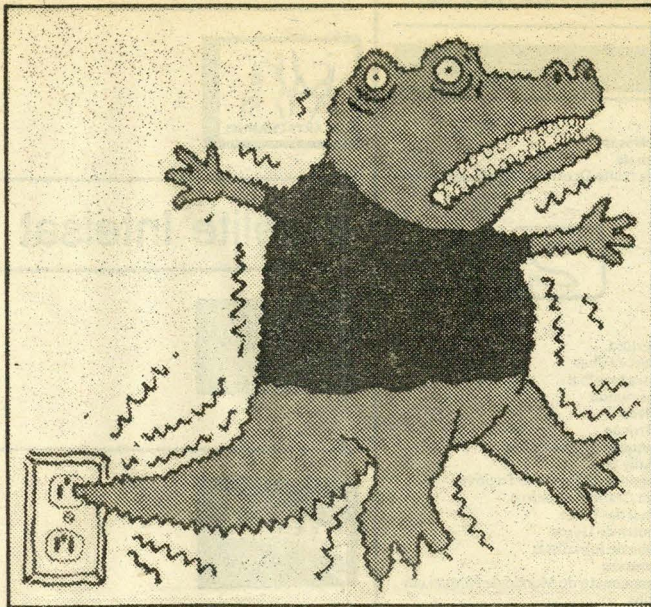
Secos & Molhados

Jorge Listopad

A como «Alexandra Alfa»

A primeira edição de *Alexandra Alfa* (Dom Quixote) apareceu nas mãos dos leitores antes do passado Natal. Li só durante o mês de Agosto e terminei as 450 páginas agora, em Setembro. Atrasado? Nunca se está atrasado, aprendi com a experiência e transformei em novo provérbio, sobretudo tratando-se de obra de arte ou copo de uísque. Aliás, nem o autor, Cardoso Pires, nem os leitores de facto ou potenciais, estarão à espera do meu comentário. Comentário? Notas soltas? Apontamentos críticos ou marginais?

Na página 266: «Sophia, tilitando as chaves do carro na ponta dos dedos, vinha ao sabor da corrente...» A frase anódina, respigada mas não por puro acaso, no meio do livro, representa o que mais me fascina na literatura de Cardoso Pires, e o que em *Alexandra Alfa* resplandece. E o saber escrever português exacto na sua visualidade (e auditividade): a frase citada, com a economia e o rasgo do pintor ou cineasta de envergadura, dá a ver a cena global — o cenário, o pormenor significativo em acção que enun-



DN 8/9/88

ciam ou sugerem a atmosfera, neste caso tipicamente desenhada. Apenas uma dezena de palavras esclarecem, preconizam a realidade, comentam-na. Uma frase entre centenas, uma imagem verbal entre milhares. CP é um dos poucos escritores nacionais que vê e ouve, faz ver e ouvir, que filma, desenha, dinamiza o tempo, tendo como instrumento de trabalho a língua portuguesa, a língua como experiência — e que não pode ser outra.

O romance — a ficção de uma crónica (e a crónica está

ligada ao tempo — *cronos*) — avança com múltiplos desvios, o rio com o mapa completo dos afluentes, uma rede frondosa. A estrutura como sistema ordenador não está abandonada em *Alexandra Alfa*, mas não transforma, é solta, exprime o puro prazer da fabulação. Sem ser contrariada, sem ser policêntrica, é negligenciada. No entanto, é inegável que a estrutura do romance é também uma (a) *comunicação*. O ponto fraco do livro.

Um livro da noite lisboeta, de certos anos, de horas privi-

legiadas (típico do final de alguns dias antes de 25 de Novembro, e de manhã cedo...). Portugal nocturno dos bares, do oásis, de uísque, de encontros casuais, de discussões estereis mas não desprovidas de importância para uma «análise de urina do País», citando Macbeth. Um outro Portugal de aquele de Agostinho da Silva. Cínico, terrível, enamorado com raiva elegante ou não.

Se alguém é citado-lembrado ou implicitamente omnipresente, é Alexandre O'Neill e sobretudo Ruy Belo. Como se a poesia desse poeta, morto há dez anos, no Agosto da minha leitura, fosse o *leit-motiv* sentimental, a medida, o referencial moral e poético. Homenagem, sim, mas também a coesão livre. O capítulo III da última sequência («Ascensão e morte»), a partir das páginas 423, o encontro imaginado entre Maria e o poeta a ler *A Bola* numa cervejaria cheia de cascas de mariscos e tremoços, por pouco seria ficção incomparável, em todo o caso, é antológica.

De que fala o livro? De nós. De si. De ti. Não são precisas chaves para entrar.